



**COMPARTILHANDO SABERES SOBRE PROTEÇÃO COLETIVA
DE DEFENSORAS E LIDERANÇAS FEMININAS NEGRAS**

CARTILHA



COMPARTILHANDO SABERES SOBRE PROTEÇÃO COLETIVA DE DEFENSORAS E LIDERANÇAS FEMININAS NEGRAS

PRÓLOGO

A cartilha *Compartilhando saberes sobre proteção coletiva de defensoras e lideranças femininas negras* resulta de oito encontros virtuais chamado *Vozes de mulheres*, em que se encontraram vinte mulheres negras defensoras de direitos humanos que lideraram importantes processos de defesa e reivindicação de direitos associados à igualdade de gênero e étnico-racial no estado de São Paulo. Mesmo com todos os desafios impostos pela pandemia, partilharam experiências e aprofundaram-se no entendimento de conceitos-chave sobre proteção de pessoas e coletividades defensoras de direitos humanos.

A proposta formativa teve como base uma leitura e revisão crítica dos conceitos estabelecidos em torno da proteção, e do próprio conceito universal de direitos humanos. Assumiu a interseccionalidade (apresentada e desenvolvida por ativistas do feminismo negro) como uma proposta teórica e metodológica de desfazer um conceito linear da defesa dos direitos humanos, pensando a inseparabilidade estrutural dos sistemas de racismo e opressão para uma leitura mais aprofundada dos cenários de risco em que se desenvolvem processos de defesa dos direitos humanos liderados por lideranças femininas negras.





O enfoque de proteção desenvolvido nos encontros se concentrou na ação coletiva pela efetivação dos direitos humanos, trazendo para o centro das nossas discussões provocações sobre o próprio conceito universal dos direitos humanos e a pergunta: quem é defensora ou defensor dos direitos humanos?

A iniciativa da formação se deu no marco da parceria estratégica entre Protection International (PI) e Gelédes -- Instituto da Mulher Negra, celebrada em 2020, cujo objetivo é articular e complementar esforços interinstitucionais para fortalecer processos de formação para a gestão coletiva e autônoma dos riscos de segurança, com mulheres defensoras de DDHH.

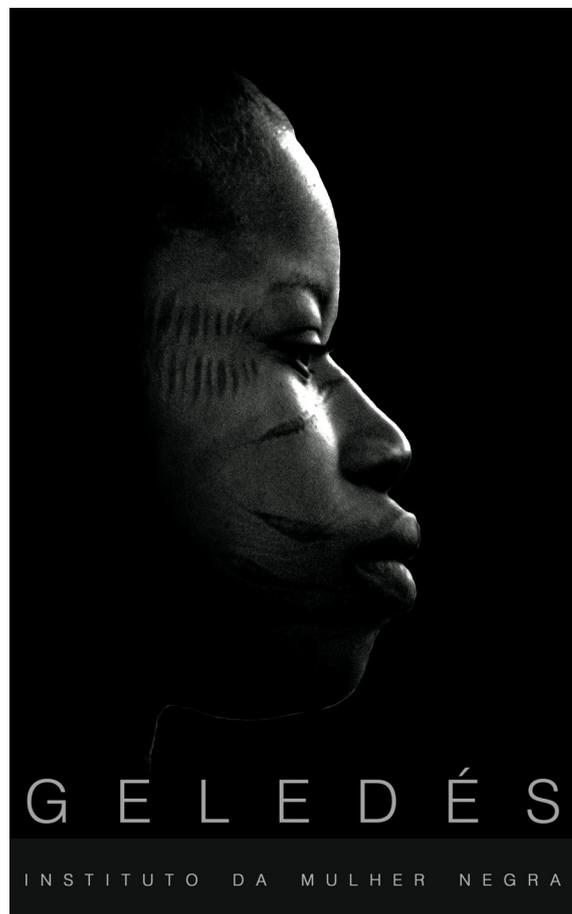
Esperamos que a cartilha contribua com as defensoras no fortalecimento das reflexões em torno a temas básicos relacionados com a gestão do risco, incluindo gestão da segurança digital e cuidados emocionais.

A cartilha retoma elementos básicos sobre proteção coletiva que foram abordados nos espaços virtuais, não se esgota neste material, esperamos ser possível uma segunda fase dos “encontros vozes de mulheres”, desta vez acolhendo-nos, abraçando-nos de forma presencial, e assim poder desenvolver um material ainda mais situado na realidade das defensoras e lideranças femininas negras.

Zenaide Rodrigues
Consultora Senior
Protection International (PI)

Proteção Internacional (PI) é uma ONG internacional com sede em Bruxelas, especializada em facilitar estratégias e ferramentas de proteção para a gestão da segurança das pessoas e coletividades defensoras dos direitos humanos que enfrentam situações de risco. Trabalha desde 2004 com parceiros locais em mais de 30 países do mundo apoiando a pessoas e aos sujeitos coletivos cujo direito de defender os direitos humanos é violado.

Tem como objetivo contribuir com o fortalecimento de capacidades das pessoas, organizações, comunidades, grupos que defendem os direitos humanos para avaliar os seus níveis de risco e gerir de maneira autônoma sua segurança, a fim de proteger suas vidas e integridade, bem como o seu espaço de atuação e processos organizativos. Além disso, visa também influenciar as autoridades no cumprimento das suas obrigações de proteção e encorajar outros atores sociais empenhados na proteção dos defensores dos direitos humanos a maximizarem a sua contribuição.



GELEDÉS Instituto da Mulher Negra é uma organização não governamental brasileira que se posiciona em defesa das mulheres e da população negra porque entende que estes dois sujeitos no Brasil estão historicamente num lugar de desvantagem e discriminação no acesso a oportunidades sociais em resultado do racismo e sexismo na sociedade brasileira, e também se posiciona contra todas as outras formas de discriminação.

O processo de fortalecimento de capacidades individuais e coletivas em proteção, em parceria com Protection International, se articula ao programa de direitos humanos do Instituto GELEDÉS, onde são desenvolvidas diferentes ações para reforçar a participação das mulheres negras, e está também interligado com duas outras áreas prioritárias para GELEDÉS, gênero e étnico-racial.

Um Especial Agradecimento.

às 22 defensoras que participaram dos encontros, contribuindo para que as reflexões aqui desenvolvidas fossem situadas em suas realidades organizativas e contextual.

A Suelaine e Nilza, do Instituto GELEDÉS, que, reconhecendo os impactos da pandemia na vida e no ativismo das defensoras, se empenharam em não deixar o grupo desanimar, sempre mandando mensagens que motivassem a participação.

A Maria Sylvia, do Instituto GELEDÉS, que em meio a seu trabalho e seus estudos no mestrado marcou presença em todas as oficinas, sempre com uma palavra poderosa e uma presença radiante.

A Aida Pesquera, representante de Protection International para Colômbia e Brasil, que não mediu esforços para apoiar a iniciativa.

Vários dos materiais que serviram de base para a elaboração desta cartilha foram esforços da equipe de consultoras e consultores de Protection International vinculadas ao Programa de Investigação e Gestão do Conhecimento (PRTU).



Os encontros foram organizados a partir da priorização de quatro temáticas:

1. A proteção coletiva de Mulheres Defensoras de Direitos Humanos desde a abordagem pautada pelo gênero e pela identidade étnico-racial.
2. Cuidado digital: fortalecendo o cuidado do nosso “espaço - virtual”
3. Entendendo nosso direito de defender os direitos humanos
4. Passos básicos para uma análise de risco de defensoras de direitos humanos, com uma pegada interseccional.

A cartilha se organiza a partir da articulação interna entre os temas; portanto, os capítulos não seguem a ordem anterior.

Zenaide Rodrigues de Andrade

Consultora Senior – PI

Elaboração do material

Manoel Maria do Nascimento Júnior

Consultor em cuidados digitais, proteção e privacidade de dados

Monica Molano Soler

Desenho gráfico

Material Fotográfico

<https://fotospublicas.com>

INTRODUÇÃO

Na América Latina, em países marcados por desigualdades históricas e violências sistemáticas como o Brasil, o exercício de defesa dos direitos humanos nunca se deu em um entorno seguro, sem medo. A ousadia de alçar a voz, questionar o sistema hegemônico patriarcal colonialista e racista vem custando em muitos casos a vida de centenas de pessoas, especialmente vidas negras, indígenas, pobres, das diversidades sexuais e de gênero, das periferias urbanas e rurais.

Os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) apresentam cifras alarmantes: o número de pretos e pardos assassinados no Brasil é 132% maior do que brancos. Em à violência envolvendo marcadores raciais e de gênero, o **Atlas da Violência (2020)** aponta que as mulheres negras morrem mais no país, e mesmo quando os homicídios de mulheres apresentam queda de 8,4% entre 2017 e 2018, esta situação melhorou apenas para as mulheres não negras: enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras caiu 11,7%, a mesma taxa entre mulheres negras aumentou 12,4%. Os números mostram que ser negro no Brasil é estar exposto cotidianamente a qualquer tipo de agressões, risco dobrado quando se é mulher e/ou jovem.





Tanto no contexto rural como urbano, o informe **Vidas em Luta (2020)**, do Comitê Brasileiro de Defensores e Defensoras de Direitos Humanos, mostra a exacerbação da violência e dos ataques às organizações, comunidades, movimentos sociais e pessoas defensoras de direitos humanos. Em relação às lideranças negras, a manutenção das opressões estruturalmente associadas ao racismo, ao machismo, à heteronormatividade e à exploração dos trabalhadores atinge fortemente as populações LGBTQIA+, povos indígenas e o povo negro.

Com relação às defensoras de direitos humanos, uma das conclusões construídas durante nossas conversas e oficinas com elas é a necessidade de ampliar ainda mais a documentação e registros públicos que monitorem sistematicamente as violações do direito a defender os direitos humanos que as mulheres negras, especialmente, vêm enfrentando em decorrência do seu ativismo.

Sobre a situação das mulheres defensoras de direitos humanos, a Relatoria Especial das Nações Unidas sobre Defensores e Defensoras argumenta que embora as mulheres cumpram um papel essencial que permite avançar no reconhecimento de numerosos direitos fundamentais, são frequentemente atacadas e estigmatizadas em sua honra e credibilidade, incluindo ataques às suas famílias. Reafirma que as defensoras são protagonistas imprescindíveis para a vida das democracias e para as garantias dos direitos humanos¹.

¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0Dpq8lFk-pE&feature=youtu.be>. Anexo de o informe “Defender e proteger as pessoas defensoras de direitos humanos” (Maio 2020). <https://nhrf.no/espanol/espanol/article/2020/last-report-of-the-former-united-nations-special-rapporteur-on-the-protection-of-human-rights-defenders>.

ENCONTRO 1

O ATIVISMO COLETIVO DAS MULHERES NEGRAS NA DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS ASSOCIADOS A IGUALDADE DE GÊNERO, RAÇA E ETNIA.

...UM ATIVISMO QUE FORTALECE ESPERANÇAS...

O objetivo desta oficina foi colocar no centro do diálogo a experiência das mulheres desde os diferentes lugares de seu ativismo social para tecer a partir daí uma narrativa coletiva que se aproximasse o máximo possível dos significados que as mulheres dão para suas lutas.

O resultado foram aproximações metafóricas ao ativismo das mulheres

Meu ativismo se parece com:

- A maternagem, cuida dos meus e dos nossos mesmo sem os ter parido
- Se parece com uma árvore, com raízes profundas e que, como a semente, nasce e se espalha
- Meu ativismo é uma voz que ativa outras vozes, uma ação com outras
- É uma luta contínua pelo bem comum, é circular, resgatar e se sustentar na ancestralidade
- Meu ativismo é como o sol, potência da mulher preta, da mulher negra
- Meu ativismo ajuda a drenar nossa energia com serenidade, afeto e cuidado coletivo



A metáfora coletiva dos significados que as mulheres deram para seu ativismo social deixa uma reflexão de fundo: a luta pelos direitos humanos, por mais que seja referenciada em uma pessoa, sempre será uma prática relacional, coletiva, uma soma de muitas mãos e muitos corpos que lutam para a defesa dos direitos e para a busca da justiça social.

Com base nestas reflexões, o enfoque de proteção abordado durante os encontros “Vozes de mulheres” foi o enfoque de proteção coletiva. Para uma aproximação ao conceito de defensor, optamos por sair do lugar comum, segundo o qual pessoas que defendem direitos humanos são facilmente vistas como sujeitos abnegados, mártires, heróis e heroínas, “super-homens” ou “mulheres-maravilha”, que sempre sabem o que deve ser feito, que são defensores ou defensoras acima de tudo, 24 horas por dia.

Para facilitar a leitura, em vários momentos daqui em diante vamos nos referir a “defensoras e/ou defensores, ou organizações de direitos humanos” usando a sigla DDH.

A pergunta então é pelas pessoas e coletividades defensoras de direitos humanos (DDHs): quem são elas?

Por coletividades de DDH nos referimos às diferentes expressões organizativas, muito além da natureza jurídica, que se convocam e se organizam para defender e promover direitos humanos, territoriais e ambientais. Assumem diferentes matizes identitários, que podem se configurar a partir de suas lutas e culturas próprias. Este sujeito coletivo está cruzado por objetivos comuns, relações de solidariedade, mas também por relações de poder, como o patriarcado ou o domínio das majorias.

As coletividades DDHs são configuradas por pessoas imersas em redes, sujeitos relacionais, situados em lutas políticas e de poder, de gênero, de diferenças, sujeitos afetivos que se sentem indignados/as, que se cansam, que choram e riem, que dançam e tremem, muitas vezes do medo, da raiva, da alegria, das paixões da vida, rizomáticos, que vão além do estreito “marco lógico” de um projeto de financiamento, ou das mesmíssimas políticas públicas de proteção, su-



jeito em construção e em evolução, sujeitos cujas lutas já existiam muito antes dos marcos normativos internacionais. (Adaptado das notas de Enrique Eguren – 2020)

Cada vez que nos referirmos a DDH em nossa cartilha, falamos destas pessoas e destas coletividades que defendem direitos e nem sempre estão vinculadas a uma organização de direitos humanos. Sou eu, é você, são elas e eles, somos nós!

² Tomado das notas de Enrique Eguren, consultor de Protection International no marco da sua exposição na roda de conversa “A proteção coletiva e o direito a defender os direitos humanos”. Setembro 2020, organizado por PI, AATR, CEAS e CESE.

ENCONTRO 2

PROTEÇÃO COLETIVA DE DDH APROXIMAÇÕES GERAIS

A pergunta provocadora com a qual iniciamos o segundo encontro virtual **Vozes de mulheres** foi: do que estamos falando quando nos referimos a “proteção coletiva”?

É muito comum encontrar definições de proteção a DDH com uma abordagem bastante técnica, ou mesmo usando aquela noção do defensor ou defensora criticada em nosso primeiro encontro, indivíduo que sozinho ou sozinha assume uma tarefa árdua de defender os direitos dos demais, e portanto, estando exposto a uma situação de risco é sujeito de proteção.

Para as mulheres defensoras negras que participaram desse segundo encontro, a proteção das DDHs foi definida como:

“A manutenção da vida, é preparar-se para enfrentar situações de risco; é sentir-se segura, livre e resistir. É lutar para não apagar a memória e a identidade coletiva, para tudo isso não é suficiente estar só, faz-se necessário uma articulação de todas as mulheres negras”.

A definição de proteção construída pelas defensoras negras participantes do encontro, apresenta, por si só, uma complexidade que vai além das dicas e medidas de proteção apresentadas nos protocolos oferecidos pelos manuais de proteção a DDHs. Além da necessidade política de discutir o tema, é também uma necessidade prática, situada, enraizada na realidade, realista e que é limitada por si mesma.

Quando Protection International desenvolve metodologias e maneiras de pensar a proteção das DDHs a partir de um enfoque coletivo, encontra muita relação com a definição das mulheres participantes do encontro, e se fundamenta, entre outras abordagens teóricas, com a interseccionalidade, abordagem teórica e metodológica fortemente desenvolvida pelo feminismo negro.

Desde este princípio metodológico e teórico da interseccionalidade apresentamos ideias chave do que implica pensar a proteção das DDH desde esta perspectiva crítica.

Em primeiro lugar, é fundamental que as pessoas e ou organizações que acompanham processos de gestão da segurança – preferimos falar em gestão do cuidado e da proteção coletiva – tenham muito presente que em contextos como o da América Latina não podemos cair em análises neutras, vazias de conteúdo ou afirmações gerais quando estamos tratando de proteção a DDH:

“ Estão assassinando de maneira generalizada aos defensores de direitos humanos? Os dados de todos os informes produzidos em vários países da América Latina, incluindo o Brasil, demonstram que estão assassinando cada vez mais pessoas defensoras pobres, racializadas, pertencentes as minorias que historicamente têm sido discriminadas por séculos em todos os países, situação que tem sido assim por muitos anos, que sempre aconteceu, e que não deu ou dá trégua porque são pessoas que defendem direitos .

São pessoas que com sua luta pisam no calo de muitos agentes com poder econômico e político e que contam com uma série de vantagens, incluindo a impunidade que dão a estes agentes passe livre para atuar contra as DDHs.

Ter isso em mente ajuda a pensar em como construir ações de proteção que ajudam a responder a estes cenários” .

Assumimos então que a proteção coletiva das mulheres negras defensoras de direitos humanos é um conjunto de ações, procedimentos e práticas sociais, culturais, econômicas e organizativas da pessoa e da coletividade defensora de direitos humanos, que são criadas, transformadas e adaptadas para enfrentar situações de ameaças que se dão a razão da defesa dos direitos e por estarem imersas, quase sempre, em um contexto de múltiplos conflitos e violências.

Estas práticas, ações e medidas devem ser flexíveis, adequadas à situação de risco e ameaças e dirigidas a aumentar a capacidade de agência deste sujeito coletivo que defende direitos.

Agência é um termo tomado da sociologia entendido como o poder de atuação de uma pessoa ou coletivo. A propósito deste material entendemos como agência o poder de atuação do sujeito coletivo DDH para transformar a correlação de forças em um contexto de conflito a razão da defesa, promoção e reinvidicação dos direitos humanos, ambientais e territoriais.

DESDE PROTECTION INTERNATIONAL APRESENTAMOS DOIS PONTOS DE PARTIDAS QUE PODEM AJUDAR AS ORGANIZAÇÕES DE MULHERES A IMPULSIONAR E FORTALECER PROCESSOS DE PROTEÇÃO COLETIVA.

PONTO DE PARTIDA 1

Identificar e fortalecer práticas sociais, comunitárias, organizativas do sujeito coletivo DDH, muitas destas práticas podem já ser de proteção, e outras são práticas do cotidiano da pessoa defensora que são adaptadas para responder as ameaças identificadas.

A abordagem das práticas também implica revisar aquelas que podem expor a defensora ou coletividade a uma maior situação de risco.

Para pensar:

Que práticas você e sua coletividade vem desenvolvendo de modo que consigam realizar seu trabalho de defesa dos direitos humanos de uma maneira mais segura?

Alguns exemplos de perguntas que podem ajudar a identificar estas práticas:

- Quando publicam um relatório com dados de violência intrafamiliar, e que práticas desenvolvem para que isso não signifique um risco?
- Quando conseguem que os casos acompanhados sejam conhecidos e apoiados por atores sociais com poder de influência, e que práticas desenvolvem?
- Conseguem fortalecer a participação das mulheres negras em diferentes espaços?
- Conseguem revisar as relações assimétricas de poder, incluindo no interior da organização, grupo ou coletivo de mulheres?
- Conseguem melhorar a gestão do medo e do estresse?

Lista aberta...

Para seguir pensando:

É fundamental que as organizações de mulheres elaborem perguntas que ajudem a dar complexidade na análise das práticas em função das ameaças identificadas, já que aqui não supõe uma lista de mercado, desconectada da análise de risco (Sobre análise de risco falaremos no encontro 3).

Algumas perguntas que podem ajudar a analisar as práticas identificadas em função de melhorar, aumentar nossa proteção:

- 1. Que práticas individuais e coletivas estão contribuindo com a minha e nossa proteção? E que proteção aportam ao âmbito individual, familiar, organizativo, identitária...?**
- 2. Identifico alguma prática que poderia estar me expondo ou ao coletivo a uma maior situação de risco?**
- 3. A pessoa, ou a sua organização DDH teria que fazer algo diferente?**
- 4. Quais são as práticas individuais e coletivas que devem ser reforçadas?**
- 5. Que papel outros atores aliados poderiam cumprir para ajudar a fortalecer estas práticas?**

PONTO DE PARTIDA 2: Uma abordagem baseada no enfoque de redes.

Esta abordagem se sustenta no fato de que a defesa dos direitos humanos e a proteção é relacional e se baseia na comunicação e solidariedade, por tanto, desde esta abordagem se enfoca ações que contribuam para o entendimento, articulação e desenvolvimento de redes de apoio internas e externas.

Com esta abordagem se abre espaços para a ação e práticas de outros atores sociais que ajudam a fortalecer a proteção da DDH porque fortalecem e apoiam suas práticas.

As redes de apoio para a proteção são como um escudo para a nossa proteção.

São elas:

Redes internas: família – vizinhos – equipe de trabalho, pessoas bem próximas e de muita confiança nossa que tem o poder de uma reação imediata no caso de necessidade, emergência e ações preventivas.

Redes externas: São todas aquelas forças, contatos que estão externas a nós, inclusive fora do nosso território, bairro ou comunidade. São as organizações parceiras – pessoas de confiança – com capacidades de agência, de atuar para fortalecer nossas medidas e práticas de proteção.

Um elemento fundamental:

- *A proteção coletiva não deixa de fora ações para exigir respostas efetivas do Estado, já que este é o principal responsável pela proteção das DDH. Neste caso os órgãos do Estado fazem parte do que PI em Colômbia chama dos Sistemas de Proteção. Desse Sistema também podem participar mecanismos internacionais e outros atores com poder para incidir junto ao Estado pela efetivação de medidas adequadas de proteção as DDH.*

Aqui é fundamental que as coletividades sejam elas grupos, organizações de mulheres negras DDH, não se mobilizem apenas para ampliar seus contatos e criar relações com outras organizações

ou atores chave; para conseguir um impacto na proteção é necessário uma articulação, quer dizer, ações combinadas e com ajustes necessários para que esta relação estabelecida se transforme em uma colaboração ativa e efetiva com impactos na proteção, além disso com um certo grau de duração em relação ao tempo.

Tenha muito em conta que em matéria de proteção as redes externas jamais devem substituir a rede interna da defensora ou da coletividade DDH (família, vizinhos, amigos, comunidade, organização), o melhor é que se complementem nas ações.

Para ajudar as organizações de mulheres em um exercício de análise sobre sua rede, propomos esta ferramenta:



Depois de visualizar o diagrama da nossa rede podemos pensar nestas perguntas:

1. Quem são as pessoas, comunidades, organizações e grupos com quem efetivamente já contamos que podem fazer parte desde já da nossa rede de proteção? Que tipo de ações devemos implementar com nossas parcerias mais próximas para que elas se comprometam e apoiem nossas práticas de proteção?
2. Quais são as alianças mais fracas cujo fortalecimento podemos priorizar? E como estabelecer ações de fortalecimento destas alianças?
3. Que ações devem ser planejadas e executadas estrategicamente para uma aproximação com as organizações que estão distantes? O que podemos fazer para ganhar seu apoio e solidariedade?

Neste exercício pode-se priorizar aquelas organizações, pessoas e instituições que o grupo considera mais estratégicas em todos os níveis possíveis: local, municipal, estadual, regional, nacional e internacional.

Lembre-se: A proteção coletiva é um conjunto de práticas e ações que se articulam para responder a um contexto de ameaças e riscos identificados na análise coletiva de risco, não são papéis, documentos ou regras para guardar na gaveta e esquecer que existem.

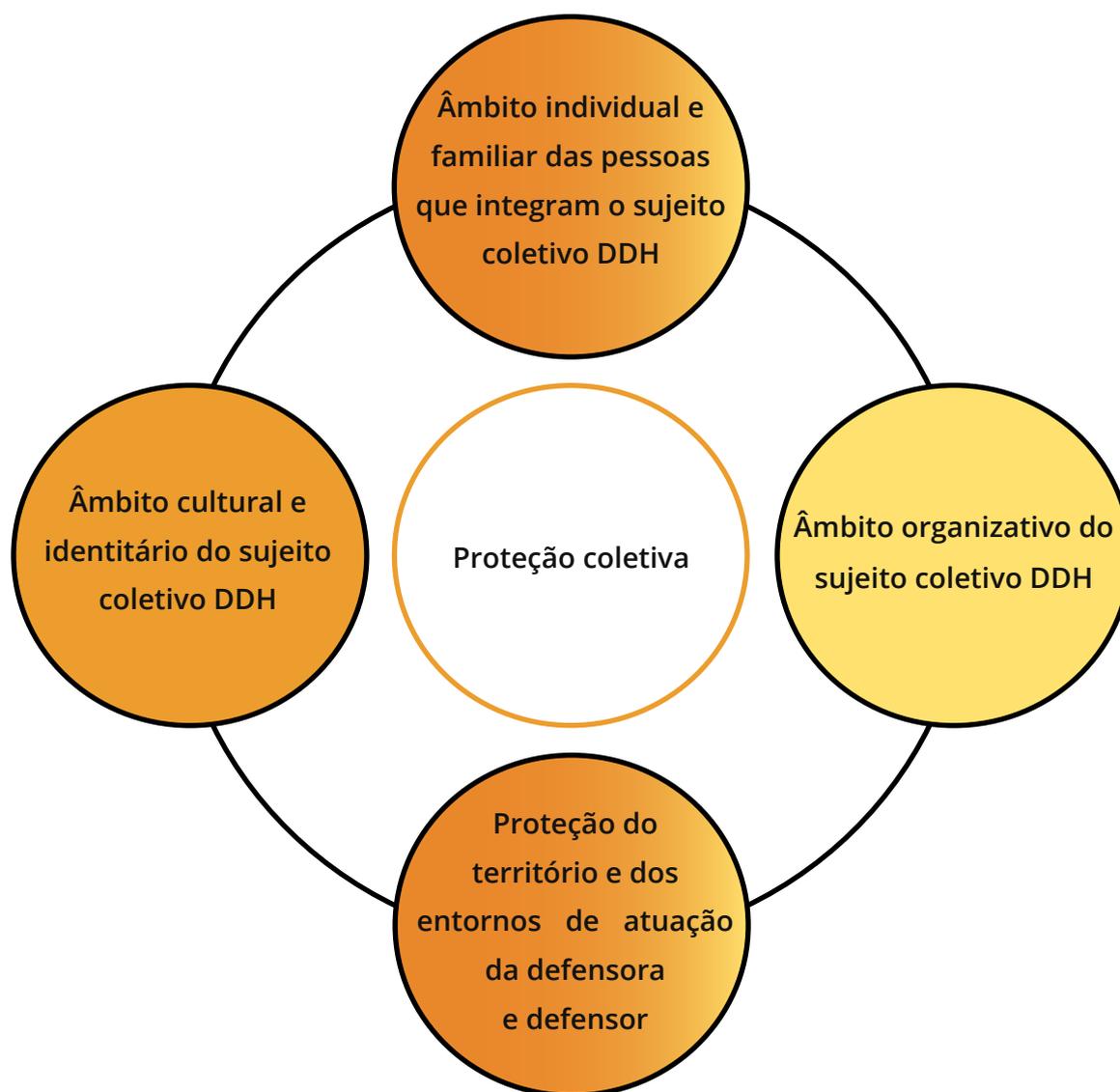


Depois de apresentarmos os dois pontos de partida da proteção coletiva que dão pistas para a ação, agora vamos ver quais são os âmbitos da proteção coletiva.

Estes âmbitos da proteção coletiva não são camisas de força. Eles se adaptam e se situam na realidade da defensora e na identidade da coletividade e se articulam entre eles.

Nem sempre é possível desenvolver todos os âmbitos, sendo necessário priorizar, mas o âmbito individual e familiar, e o organizativo não deveria faltar.

E todos estes âmbitos se desenvolvem a partir dos elementos anteriores que nossa cartilha apresentou: fortalecimento das práticas sociais, criação de vínculos e confiança a partir das redes de proteção.



A proteção coletiva das mulheres ativistas, lideranças e defensoras negras deve ter, no mínimo, estas características:

1. Ser um exercício participativo que envolva a todas as mulheres ou pessoas da coletividade que se sintam afetadas pela situação de ameaça ou risco.
2. Ações que fortaleçam a coesão interna, comunicação e confiança. Lembrando sempre que a lógica do “dividir para conquistar” segue operando.
3. Análises de risco e medidas de proteção devem considerar a intersecção gênero, étnico-racial, emocional, orientação sexual, ideologias políticas, condições econômicas, ou seja, todos os fatores que se inter cruzam e influenciam no risco da DDH.

4. Reconhecer que todas as condições e situações em que vivemos e que podem aumentar nossa vulnerabilidade não condicionam nosso poder. São anos e anos de resistência do povo negro, indígena e dos pobres no Brasil, que é fonte de apoio e resistência quando articuladas.
5. Incluir na análise de risco e nas ações protetoras o emocional, já que esse também é um campo de ataque dos agentes agressores.
6. Reconhecimento das desigualdades de gênero com ações de proteção que levem ao fortalecimento da participação das mulheres nos espaços de tomada de decisões. A perspectiva de gênero, quando incorporada nas medidas de proteção e análises de risco, permite uma maior compreensão do entorno da defensora, permite entender que, além das agressões e ameaças externas, algumas mulheres defensoras e dissidentes sexuais e de gênero são vítimas diretas da violência também no âmbito privado, comunitário e da organização.
7. Fortalecimento de modelos de lideranças mais coletivos.
8. Fortalecimento de redes internas e externas que apoiem as medidas e práticas de proteção das mulheres e coletividades.
9. Ter em conta que no Brasil as defensoras e os defensores negros, indígenas e LGBTQIA+ podem estar em situação de risco mesmo sem que existam ameaças explícitas. O contexto brasileiro é, por si só, violento contra DDH com estes perfis
10. Não deixar o estado de fora do mapa, sabendo que este é o principal responsável pela proteção das pessoas e coletividades DDH.

Lista aberta...



ENCONTRO 3

O PONTO DE PARTIDA PARA IMPLEMENTAR MEDIDAS DE PROTEÇÃO COLETIVA SÃO OS EXERCÍCIOS PARTICIPATIVOS DE ANÁLISES DE RISCO E DA AMEAÇA

Começamos com uma leitura de um trecho de “A mulher de pés descalços”, de Scholastique Mukasonga:

O texto foi trazido por uma das defensoras que participou desta oficina.

“Minha mãe tem somente uma ideia na cabeça, o mesmo projeto para todos os dias, uma única razão de viver: salvar os filhos. Para isso, ela elaborava estratégias, experimentava táticas. Seria preciso fugir, se esconder. É certo que o melhor seria fugir e se esconder no matagal espesso, cheio de espinhos, que ficava na nossa plantação. Mas, para isso, era preciso ter tempo. Mamãe espreitava os barulhos sem parar. Desde o dia em que queimaram nossa casa em Magi, em que ela ouviu o rumo do ódio, como o zumbido de um enxame monstruoso vindo em nossa direção, ela desenvolveu, parece-me, um sexto sentido, o da presa que está sempre alerta. Ela identificava de longe o barulho das botas na estrada. “Ouçam”, dizia, “eles estão por perto”. A gente parava para prestar atenção e só havia os barulhos comuns da vizinhança, o som habitual da savana. “Eles estão chegando repetia minha mãe, rápido, corram para se esconder”. E normalmente ela só tinha tempo de nos fazer um sinal. Corríamos para baixo dos arbustos e, pouco depois, era possível ouvir, do nosso esconderijo, a patrulha na estrada, e ficávamos nos perguntando se eles entrariam em casa, se saqueariam e pilhariam nossos parques bens, os escassos cestos de sorgo ou de feijão, as escassas espigas de milho que tínhamos tido a prudência de estocar” (p. 12-13) ”.

Que relação encontramos do fragmento com a noção de risco?

- Constante apreensão emocional das mulheres e homens negros de viver em um país que a qualquer momento uma pessoa negra pode ser alvo de agressão.
 - Estresse por nunca ter o direito a relaxar
 - Racismo encarnado
 - Luta pela sobrevivência
- Faz lembrar a entrada da polícia nas comunidades periféricas, entrada violenta

Alguns critérios mínimos para a análise de risco.

A análise de risco é o primeiro passo que se deve dar para a gestão da segurança de uma pessoa ou coletividade defensora. Tenha em conta estas recomendações básicas:

- Uma análise de risco e a elaboração de um plano de proteção é um exercício participativo onde o ideal é que as pessoas envolvidas possam ter a oportunidade de participar ativamente.
- Uma análise de risco deve estabelecer quem são os agentes agressores, ou possíveis agressores, já que estes são as principais fontes da ameaça.
- É fundamental considerar que o risco pode existir mesmo sem haver ameaças explícitas. Muitas das ameaças podem ser silenciosas, sutis, ou nem percebidas pela pessoa defensora.
- A análise de risco deve cobrir as dimensões individual, organizacional, coletiva, territorial e cultural conforme aquilo que a coletividade DDH entenda como necessário e de acordo com suas características (no entanto, pelo menos a dimensão individual, familiar e coletiva não deveria faltar).
- A análise deve ser estendida a membros da família ou pessoas diretamente ligadas ao trabalho das DDH, à sua organização, e à sua comunidade, onde possam partilhar razoavelmente o risco.
- As análises de risco devem incluir outras possíveis agressões relacionadas ao contexto da pessoa defensora e que se configuram como cenários de risco. É fundamental ter em conta situações como violência doméstica e machismo, as consequências do racismo estrutural etc.
- Considerar enfoques diferenciais e interseccionais de gênero e raça-etnia tais como situação econômica, necessidades especiais, idade etc.

Passos básicos para uma Análise de Risco:

Passo 1: Análises de contexto cada vez mais situadas e cada vez mais periódicas para entender como situações globais manifestam-se em seu contexto imediato. Isso também serve para quando você inicia um projeto novo ou vai desenvolver uma ação como, por exemplo, uma declaração pública sobre determinada situação.

Alguns padrões de ataques que vem sendo comuns na América Latina:

- Está em alta a vigilância e monitoramento de indivíduos e organizações por parte de governos e outros atores com poder econômico.
- Ataques aos sistemas de informação e comunicação virtual que pode ter ou não relação direta com a defesa de direitos humanos.
- Criminalização de condutas pessoais e das organizações e movimentos sociais.
- Sistema de justiça utilizado para intimidar DDH por meio de processos constantes, judicialização coordenada de questões etc.
- Ameaças à integridade física e emocional das pessoas e coletividades DDH.
- Criação de organizações comunitárias paralelas para enfraquecer a legitimidade das organizações DDH.
- Cooptação de lideranças para iniciar processos de difamação, estigmatização e colocar em cheque a confiabilidade da coletividade DDH.
- Oferecimento de projetos para financiar organizações parceiras da coletividade DDH (quando empresas estão envolvidas no conflito está prática é muito utilizada para desarticular as redes de apoio).
- Fortes campanhas de rumores e difamações para minar a confiança nas/das DDH. No caso das mulheres defensoras estas campanhas utilizam as narrativas de “enlouquecimentos” e “surtos” das mulheres, as mulheres defensoras além dessas campanhas seguem sendo vítimas da violência sexual, agressões físicas e ameaças a seus familiares.

- Mobilização emocional e psicológica com a clara intenção de debilitar a coesão interna e semear o medo, a desconfiança e a humilhação.
- Redes sociais têm sido um dos mecanismos usados para o ataque à reputação de DDH, mas é importante analisar a diversidade de estratégias que o agente agressor utiliza que vai, desde as simbólicas, passando pela infiltração nas comunidades, organizações, outras tão sutis que é necessário de nossa parte um grau elevado de percepção, até as mais violentas.

Lista aberta...



Algumas causas estruturais:

- Modelo de desenvolvimento centrado na exploração de recursos naturais.
- Aumento da violência com fortalecimento de atores armados ilegais.
- Abuso de poder, especialmente por parte da força pública, com detenções arbitrárias e envolvimento em casos de agressões letais dirigidas a pessoas defensoras.
- DDH têm sido alvo de discursos de ódio por parte de figuras públicas de alto nível.
- Modelos de governo: redução dos espaços cívicos, intimidação, assédios.
- Violências estruturais e sistemáticas.
- Racismo estrutural
- Impunidade que dá via livre para agentes agressores atacarem.

Lista aberta...

Passo 2: Análise das forças opositoras

Perguntar pelos possíveis agressores e suas redes. Quem são eles? Como atuam? Que interesses destes potenciais ou possíveis agressores podem se ver afetados por nosso trabalho? Se decidem nos atacar como nos atacariam?

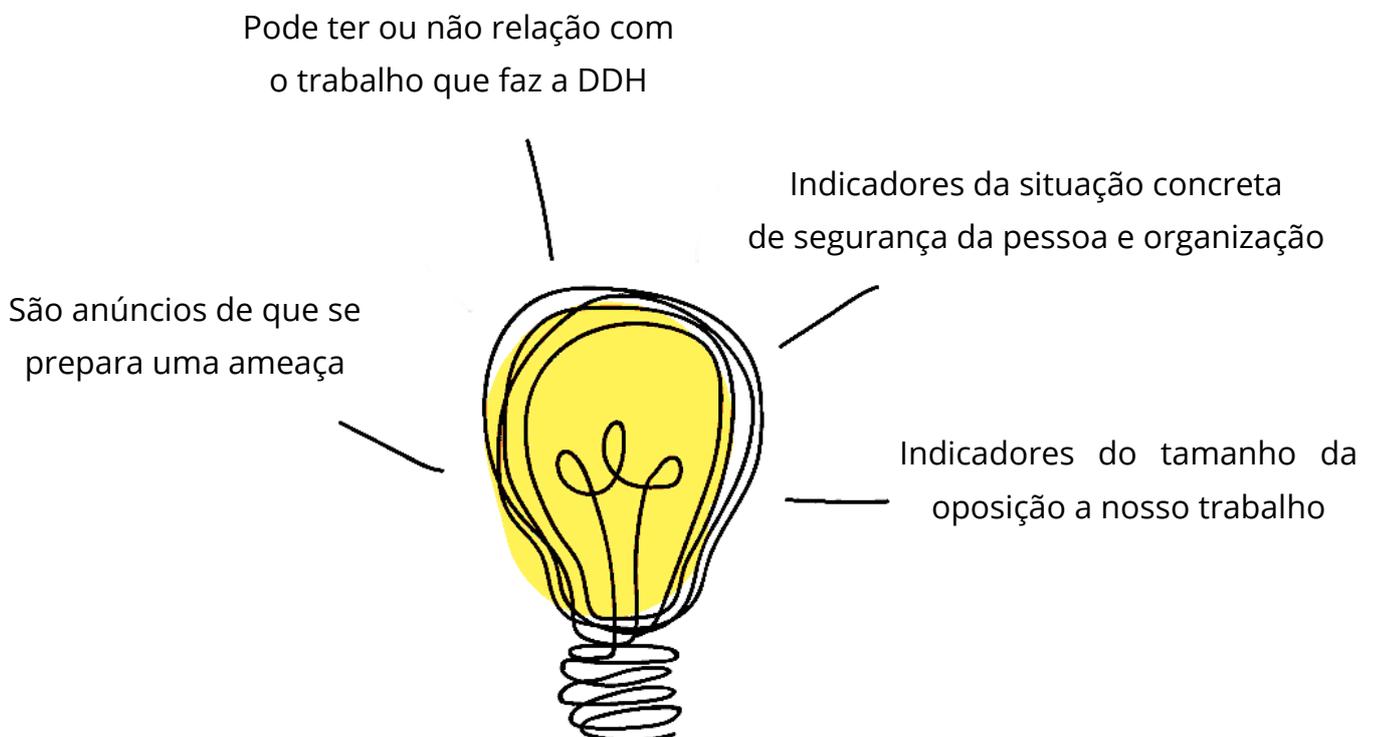
Estas perguntas ajudam as DDHs a elaborar ações de proteção preventivas, fortalecer incidência política e ações dissuasivas e persuasivas.

Passo 3: Análise dos incidentes de Segurança

O que são os incidentes de segurança?

Qualquer fato ou evento que rompe ou altere a "normalidade" do dia a dia e possa afetar nossa segurança pessoal, familiar, organizativa, comunitária.

É como uma lâmpada que vai piscando, dando sinais que pode queimar. Os incidentes, especialmente quando acontecem com maior frequência, indicam que podemos ser vítimas de uma ameaça ou uma agressão.



Algumas práticas que não são boas em relação aos Incidentes de segurança:

- Não dar atenção aos incidentes de segurança.
- Falta de costume de registrá-los.
- Deixar de analisar os incidentes registrados.
- Não abrir espaços para tratar do tema, ficando no âmbito individual.
- Analisar os incidentes de segurança, mas não tomar medida nenhuma, ou adiá-las.

Por que é importante dar atenção a eles ?

- Atuar preventivamente
- Detectar pessoas afetadas, que estão em maior risco.
- Identificar padrões de ataques
- Revisar e fortalecer medidas de proteção

Boas práticas de proteção em torno aos incidentes de segurança podem ser:

- Registrá-los (O que passou? Quando passou? Com quem? É possível identificar os agentes envolvidos?)
- Analisá-lo coletivamente ou com outra colega/pessoa com certa experiência em proteção ou atuação em DDHH e com conhecimento do contexto.
- Atuar, seja planejando novas medidas, ou adequando as já existentes ou avaliando as medidas aplicadas.
- Abrir espaços nas reuniões de equipe para socializar se houve no período algum incidente de segurança.
- Criar mecanismos simples de registro de incidentes de segurança, já que a memória pode falhar.
- Delegar responsáveis por organizar a informação. Por exemplo: a cada mês se faz uma reunião para tratar dos incidentes de segurança registrados, socializando as informações recolhidas e analisando coletivamente os casos. Em situações de emergência não se pode esperar o tempo previsto, é necessário abrir espaços imediatos para avaliar a situação e tomar decisões.



Em sua organização existem espaços estabelecidos para tratar temas relacionados a proteção? Por exemplo, socializar e analisar os incidentes de segurança?

Comece registrando os incidentes de segurança e abrindo espaços para falar sobre o tema, e verá que pouco a pouco a proteção vai se transformando em uma prática institucional, coletiva e pessoal.

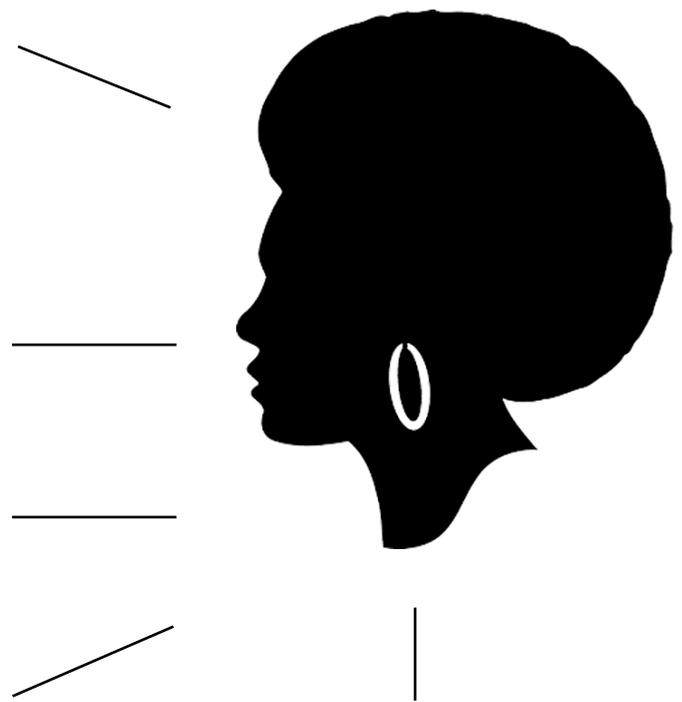
PENSANDO NOSSA SEGURANÇA NESSE MOMENTO PANDÊMICO

1. Neste momento da pandemia, em muitos países do mundo, se está registrando um aumento nas ameaças e agressões às pessoas, organizações e comunidades DDH. Os agentes agressores não entraram de quarentena. Detecto que neste momento posso estar mais exposta a alguma situação de risco? Consigo identificar esta/s situação ou situações?

2. Percebo mudanças no meu contexto/entorno: situações podem ter se agravado? Situações podem ter surgido?

3. Como está minha rede de apoio? Efetivamente com quem conto neste momento e que pode responder em uma situação de emergência?

4. Frente a essa situação identificada quais são as vulnerabilidades que identifico. Considere as condições de trabalho - Situação física da casa - algumas ausências de recursos por exemplo: acesso a comunicação, econômico, rede ...



5. Frente a situação na qual me sinto mais exposta/o com que recurso conto? (considere aqui tudo o que te deixa mais forte para fazer frente a esta situação).

Ao aplicar estas perguntas, se você identifica que está exposta a uma situação de risco, se sente insegura, se o nível em sua percepção de segurança está diminuído, procure conversar sobre esta situação com seu coletivo de mulheres, com sua equipe, alguma organização parceira, com alguém que possa te ajudar a analisar o que está acontecendo e junto com você construir medidas de proteção preventiva, ou ações imediatas para alguma situação de emergência.

ENCONTRO 4

MEDIDAS BÁSICAS QUE PODEM SER ÚTEIS PARA NOSSA AUTOPROTEÇÃO NESTA CONJUNTURA PANDÊMICA.

Por favor, tenha em conta que estas pistas apresentadas podem ser úteis para um protocolo que contribua com a nossa proteção individual e familiar nessa conjuntura de pandemia, porém é você a pessoa que conhece melhor seu contexto. Portanto, é você a mais indicada para considerá-las ou descartá-las.

Redes de apoio:

- Reforce suas redes familiares, vizinhos, amigos e equipe. Em caso de uma situação de risco estas são as que mais rápido respondem.
- Mantenha pontes de comunicação e contatos com atores-chave que podem atuar ou reagir em uma situação de risco.

Comunicação:

- Cuide do que diz, escreve, curte, compartilha e circula na internet.
- Tenha uma agenda telefônica de emergência atualizada e de fácil acesso.
- Mantenha seu celular carregado e com créditos para fazer ao menos uma ligação, ou deixe alguém de sobreaviso caso precise ligar a cobrar.
- Deixe com alguém da equipe um contato-chave da sua família, e um contato-chave da equipe com sua família, para comunicação em caso de emergência.

Em caso de uma situação de emergência:

- Identifique uma rota de fuga e alguém de confiança que possa atuar em caso de uma situação de emergência.
- Identificar um lugar seguro para estar enquanto chega ajuda, confie que seu contato de emergência vai saber atuar.
- Dê as devidas recomendações a seu ponto focal de segurança (a quem chamar para pedir ajuda; indicações do lugar onde está refugiada).

Incidentes de segurança:

- Documente, socialize e analise incidente para tomar as medidas adequadas a cada caso.

Cuidado com nossa casa e entorno:

- Fortaleça as medidas físicas de segurança da casa (portas, janelas, cadeados, grades, trancas etc.)
- Fortaleça o controle e vigilância do seu espaço/território, como as saídas de casa e do escritório.
- Tenha em casa algum recurso econômico disponível caso tenha que sair rápido. (Converse com sua organização ou parceiros a respeito.)

Organização:

- Defina com a equipe um plano para situações de emergência. Este plano precisaria responder à questões básicas: que situações são de emergência, e quais não são? A quem chamar? O que essa pessoa deve fazer?
- Mantenha entre pessoas da equipe uma rotina de acompanhamento e cuidado constante usando Signal (p. ex.: avisar quando viajam, comunicar quando chegam e saem de certos espaços etc.)
- Compartilhe com a equipe detalhes de viagens de rotina, ou de viagens agendadas (itinerário, telefones de contato das comunidades, tempo que estará sem comunicação)
- Tenha sempre em mãos recursos financeiros para situações de emergência, que possa usar imediatamente sem passar por burocracias administrativas.

É muito importante que as organizações de mulheres, comecem a ter pequenos fundos para situações de emergência, fale sobre essa necessidade com seus parceiros e financiadores e discutam a melhor maneira para que estes recursos sejam tramitados com a menor burocracia possível; pois em situações de emergência a defensora e a organização necessitam dispor rápido destes recursos do fundo.

Pintando meu autorretrato

Como você se sente neste momento, tanto emocional como fisicamente?
Se pudesse desenhar a você mesma neste momento, como seria seu autorretrato?
Identifique em seu autorretrato alguns elementos úteis para situar seu momento emocional:

- Situações em que pode se sentir vulnerável
- Emoções ou sentimentos que têm sido mais recorrentes nestes tempos
- O que eu me dou a mim mesma para me cuidar neste momento?
- Ações que estou tomando para lidar com essas situações. Sinto que estas ações estão gerando bem-estar e ajudando a recuperar meu equilíbrio?
- Posso lidar com isso sozinha?
- Identifico redes de apoio emocional



SUGESTÕES PRÁTICAS

1. Intensifique as técnicas de respiração

Cada vez que você sentir um alto nível de angústia ou estresse, faça uma pausa, encontre um lugar tranquilo para tentar se conectar com a emoção que está sentindo, dialogue com ela, respire lentamente e profundamente.

Quando você sentir que já restaurou seu equilíbrio, retorne às suas atividades.

2. Fale do que sente

Crie e mantenha abertos espaços para o diálogo, seja com sua equipe, seja com alguém de sua rede de apoio. Lembre-se de que só o fato de falar sobre o que sente e o que pensa é um primeiro passo para o alívio.

Cuidado com algumas ações de enfrentamento da situação que, em vez de ajudar a restabelecer o equilíbrio, podem exacerbar a situação de crise, como consumo excessivo de álcool, não estabelecer limites para conexão e diálogo nas redes sociais...

3. A nível da organização

Tenha uma agenda dos principais contatos, a disposição de todas as pessoas da equipe, com alternativas diferentes no caso de alguém precisar de ajuda, psicossocial ou outro tipo de ajuda.

Redistribua tarefas para que a pessoa que precisa de atenção emocional possa saber que pode contar com este apoio.

Tente dialogar com as fontes de financiamento para disponibilizar algo de recursos / do orçamento para as atenções básicas e melhoria das condições de trabalho neste período.

O cuidado digital também tem lugar em nossa cartilha!

O mundo digital é muito gostoso. Comunicar com quem gostamos ficou fácil, acompanhar a vida dos famosos ficou simples, qualquer um pode publicar o que quiser... como os serviços são muito fáceis de usar, mesmo crianças conseguem acessar Jogos, brincadeiras e mesmo aplicativos complexos.

Mas nem tudo no mundo digital é tão simples quanto parece. Por trás do que vemos ao acessar serviços como e-mail, redes sociais, mensageiros etc., existe uma infraestrutura técnica complexa.

Uma pessoa leiga pode até entender mais ou menos como essa infraestrutura funciona, mas leva muito tempo para chegar a este entendimento.

Essa infraestrutura foi criada para atender às suas necessidades. Mas tem gente que sabe usar essa infraestrutura, e a falta de conhecimento que você tem dela, para te fazer mal.

Um invasor pode usar essa infraestrutura para entrar em sua conta bancária, para dar golpes usando seu nome, seu endereço, seu CPF etc.

Um governo autoritário pode usar essa infraestrutura para te perseguir, ou para te discriminar com base em sua classe social, etnia, gênero, orientação sexual, idade, hábitos de consumo, posicionamentos políticos etc.

Empresas como Google, Facebook, Amazon e outras podem usar essa estru-



tura para fazer um “perfil virtual” seu, registrando tudo o que você faz na internet: onde você navega, o que você compartilha, com quem você conversa, a que horas você acorda, a que horas você dorme, que comida você gosta, que roupa você compra, que música você ouve, qual a sua religião, quem é sua família...

Essas empresas dizem que precisam criar esses “perfis virtuais” para melhorar sua navegação na internet. Mas já se sabe que esses perfis também são usados para discriminar pessoas com base em sua classe social, etnia, gênero, orientação sexual, idade, hábitos de consumo etc.

2. “Facebook de graça”, “Whatsapp à vontade”... como funcionam?

As empresas por trás das redes sociais e dos serviços de busca na internet entram em acordo com as operadoras de telefonia (TIM, Vivo, Claro, Oi etc.) para criar promoções como “Facebook de graça”, “Whatsapp à vontade”...

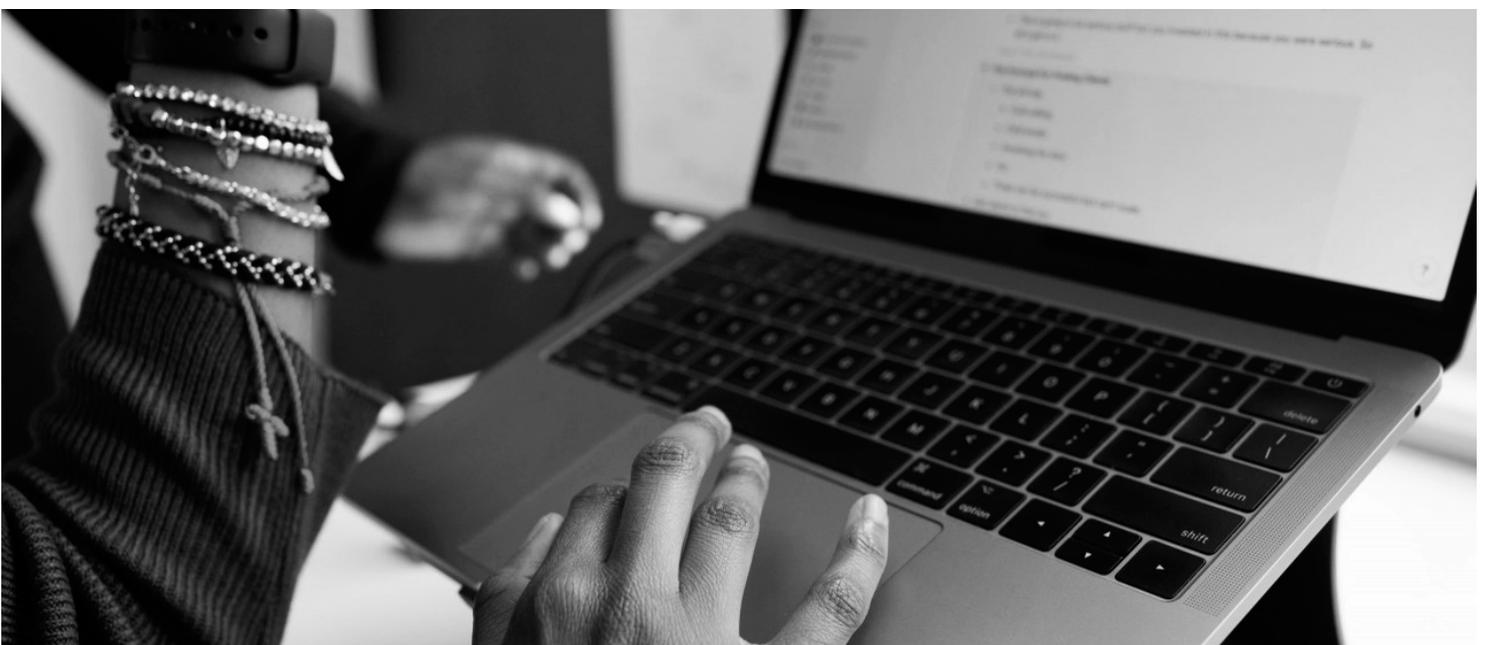
O nome disso é “navegação patrocinada”, ou **zero rating**, porque essas empresas fazem acordos comerciais com as operadoras para que você use os serviços delas de graça. Elas fazem de tudo para você usar o serviço delas.

Parece bom, mas com isso essas empresas fazem com que pessoas sem condições de pagar por planos de telefonia melhores e ficam sem créditos para ligar ou entrar na internet sejam forçadas a acessar a Internet somente por meio desses aplicativos.

Com isso, essas pessoas são monitoradas cada vez mais intensamente, e “perfis virtuais” delas são construídos pouco a pouco com as informações sobre o que fizeram cada vez que entraram na internet.

O acesso dessas pessoas à internet muitas vezes resume-se a usar aplicativos como Whatsapp, Facebook, Twitter, e só. No Brasil, são pessoas negras de bairros periféricos, especialmente mulheres, que formam a maioria desse perfil.

Agora, imagine o que aconteceria se um governo autoritário interessado em monitorar o comportamento de jovens negros ordenasse às empresas por trás das redes sociais e dos mecanismos de busca que entregassem a ele todos os “perfis virtuais” desse grupo de pessoas.



Imagine, também, se uma empresa interessada em retirar uma comunidade quilombola de uma área contratasse um especialista para “raspar dados” nessas redes e construir o perfil da comunidade inteira. A empresa saberia exatamente os pontos fracos a explorar para fazer os quilombolas saírem de sua terra ancestral.

Para defensoras de direitos humanos isto pode ser um risco muito sério. As empresas por trás das redes sociais e dos serviços de busca na internet não se importam em passar essas informações para governos autoritários, nem se preocupam em proteger informações sensíveis ou os “perfis virtuais” construídos com elas.

E agora, fazer o quê? Hoje todo mundo precisa do celular para se comunicar, de computadores para trabalhar, da internet para as crianças fazerem pesquisas escolares...

Não se preocupe tanto. Para garantir sua privacidade e segurança, para garantir que você possa usar celulares, computadores e internet sem tanta preocupação, é preciso mudar alguns hábitos.

Os hábitos que protegem nossa vida e nossa privacidade na internet são chamados de “cuidados digitais”. Vamos falar deles.



3. Senhas

Se você usa a mesma senha no e-mail, no Facebook, no aplicativo do banco etc., hora de mudar isso! Se sua senha for descoberta em um deles, um invasor pode acessar todos os serviços que usem a mesma senha!

Quem usa uma senha para vários serviços é porque não consegue decorar tanta senha. Isso é normal. Nosso cérebro precisa ser usado para coisa melhor, certo? Se você usa muitos serviços que pedem senha, além de ter uma senha para cada serviço você precisa anotar todas elas num lugar seguro.

Pode ser um caderno ou bloco de notas escondido em lugar que só você saiba.

Pode ser um aplicativo de senhas, como o BitWarden (<https://bitwarden.com/>).

Quando criar senhas, nunca use palavras fáceis como “senha”, “password”, “login” etc., nem use sequências de letras ou números como “123456”, “qwerty”, “abcde”, ou datas de nascimento, casamento, aniversários etc.

Use senhas fortes e seguras. Para isso comece a usar frases, porque quanto mais longa é sua senha, mais difícil fica quebrá-la. Alguns exemplos:

- euvioagalumevoando
- vamosparaapraia denovonodomingo
- abelezadapaisagem domeubairro

Use qualquer frase fácil de lembrar, mas não use frases prontas (ditados, versos de poesia, versículos da Bíblia, letra de música etc.).

Misture letras e números na sua senha para ficar mais difícil de quebrar:

- 1banana2doce3
- 2020anodavirada
- eutenho347fiosdecabelo

Use também pontuação:

- saidaquiinvasorsafado!!
- maravilha!!lembrei nome!!
- oarroz aumentou25%!

Varie maiúsculas e minúsculas:

- SaiDaquiInvasorSafado!!
- Maravilha!!LembreiASenha!!
- OArrozAumentou25%!

Faça as misturas que quiser. Mas tenha uma senha para cada serviço.

Uma última recomendação.

Senha não se dá para ninguém. Não se dá para marido, mulher, namorado, sobrinha, primo – ninguém. Você não tem como saber o que está no coração e na mente de ninguém, seja agora, seja no futuro, então cuide de sua intimidade digital do mesmo jeito que você cuida da sua intimidade pessoal.



4. Proteção básica contra golpes e invasores

Uma senha segura é o primeiro passo para se proteger. Existem outros hábitos simples que podem te proteger contra golpes, invasores e outros perigos do mundo digital.

Se você usa e-mail para se comunicar, evite a qualquer custo usar GMail, Yahoo, Hotmail, MSN, Outlook, UOL ou qualquer outro para falar de assuntos delicados.

Crie um e-mail no Protonmail (https://protonmail.com/pt_BR/) ou no Tutanota (https://tutanota.com/pt_br/). Eles já vêm com várias ferramentas de segurança embutidas: mensagens que se destroem sozinhas depois de um prazo, criptografia (para mandar mensagens com mais segurança)...

Nunca abra anexos de gente desconhecida, e evite abrir anexos que não pediu. Mesmo pessoas conhecidas podem ter sido infectadas e distribuindo vírus e malware sem saber. Na dúvida, antes de abrir pergunte a quem te mandou: “foi você quem me mandou isso, ou é vírus?”

Se você usa computador, tenha sempre um antivírus instalado, e atualize-o sempre que ele pedir.

Quando usar computador para entrar no seu e-mail ou usar algum serviço que peça login e senha, clique em “Sair”, “Encerrar sessão”, “Terminar” ou qualquer opção parecida. Não basta fechar o navegador ao terminar. Se você não tomar este cuidado, o e-mail ou serviço pode continuar aberto, e qualquer pessoa terá acesso a tudo quando usar a mesma máquina para entrar na internet.

Só instale aplicativos em seu celular se vierem de fontes oficiais como Play Store (<https://play.google.com>) e F-Droid (<https://f-droid.org>). Em computadores, evite baixar programas de sites não-oficiais como Baixaki, CNet etc. Nunca instale aplicativos e programas de fontes desconhecidas, por mais confiável que seja a pessoa que te passou.

Se vai fazer uma teleconferência, uma chamada de vídeo ou uma *live*, prefira sempre usar o aplicativo Jitsi (<https://meet.jit.si>). Ele tem segurança de ponta a ponta, e não guarda informação nenhuma sobre você ou sua chamada. Evite ao máximo aplicativos como Zoom, Meet ou Skype, que além de não cuidarem de sua privacidade compartilham indevidamente eus dados.

O Google não é a única forma de pesquisar na internet. Existem outros serviços, como DuckDuckGo (o “buscador do patinho”: <https://duckduckgo.com>), que respeitam sua privacidade e têm várias ferramentas mais interessantes que o Google.

Instale o DuckDuckGo em seu celular, e desative o Google. O DuckDuckGo também pode ser usado em computadores acessando <https://duckduckgo.com>

Se conhece alguém mais jovem que tenha Facebook, Google, Youtube, Twitter, Instagram, TikTok e outros serviços no seu aparelho, especialmente crianças e adolescentes, converse com essa pessoa para diminuir o uso aos poucos, até que esses aplicativos não sejam mais usados.

Nunca use o Whatsapp para falar de assuntos sensíveis.

Use o Signal (https://signal.org/pt_BR/download/), basta procurar na Play Store e instalar. Ele faz as mesmas coisas que o Whatsapp, só que é mais seguro.

Mas atenção: não dá para usar o Signal para falar com Whatsapp, nem Whatsapp para falar com Signal. É preciso que mais pessoas usem o Signal para vocês poderem conversar à vontade. Por isso, combine com as pessoas que precisam de mais segurança para instalarem o Signal também, assim vocês podem conversar com tranquilidade.

E não esqueçam de ativar o temporizador de desaparecimento das mensagens do Signal. Basta tocar nos três pontinhos que aparecem à direita de um dos seus contatos e uma das funções que aparece é essa, a opção de tempo para desaparecimento das mensagens. Nos ajustes também vai aparecer a opção de criar um PIN para proteger ainda mais seu Signal.

Instale e use o aplicativo RiseupVPN para conectar-se na internet em computadores e no celular. Com ele, fica mais difícil rastrear e vigiar o que você faz na internet, e sua navegação fica um pouco mais segura.

Se não está usando sua câmera do computador, tape-a com um papel e uma fita (o papel é para a goma da fita não sujar a lente) ou compre um tapador de câmera (vende bem barato na internet). Essa pratica simples ajuda a evitar que invasores te vigiem.

5. Discriminação algorítmica

Além desses cuidados básicos, precisamos falar sobre uma nova forma de opressão e vigilância: a discriminação algorítmica.

Facebook, Google, Amazon e outras empresas da internet usam suas informações pessoais para criar “perfis virtuais” com detalhes sensíveis e privados sobre sua vida pessoal. Com base nesses “perfis virtuais”, o “sistema” dessas empresas faz muita coisa nos bastidores. Dizem elas que é para deixar os serviços “com a sua cara”.

Só que esses perfis são também usados para discriminar pessoas com base em sua classe social, etnia, renda, gênero, orientação sexual, idade, comportamento etc. É isso que se chama “discriminação algorítmica”.

Os “perfis virtuais” são o instrumento usado por Facebook, Google, Amazon e outras empresas para aprofundar as discriminações, a opressão e a exploração que estruturam a sociedade. Elas dizem que “a culpa é do algoritmo”, das máquinas, e não das pessoas que as fazem funcionar.

Se puder, tire um tempo para ler os “Termos de Uso” e a “Política de Privacidade” desses serviços para entender os riscos. Se não puder, simplesmente evite usá-los. Faça o mesmo com Youtube, Instagram, Twitter, Snapchat, TikTok etc. Instagram, TikTok e Snapchat são tão invasivos que ainda não existem formas seguras de acessá-los.

Se você estiver sob grande ameaça, em grande risco, apague sua conta nesses serviços e apague o aplicativo de seu celular.

Serviços como Facebook, Youtube, Twitter e outros são usados por defensoras de direitos humanos em vários países para denunciar a opressão, a exploração, o racismo, o machismo, o autoritarismo etc. Muitas defensoras, inclusive, fazem sua militância como influenciadoras, e dependem desses serviços para continuar atuando.

O ideal nesses casos é usar essas redes sociais e serviços em computadores, e acessá-los usando o navegador TOR Browser (<https://www.torproject.org/pt-BR/download/>). Com isso fica muito difícil para essas empresas saber onde você está.



Se nenhum computador estiver disponível para seu ativismo, você pode usar esses serviços em aplicativos para celular que respeitem sua privacidade e sejam mais seguros:

- NewPipe (https://f-droid.org/pt_BR/packages/org.schabi.newpipe/): acesse o YouTube com mais privacidade, sem login e senha, e use outras funções (baixar vídeos, ouvir só o áudio etc.). Só não faz coisas mais complexas como publicar vídeos, fazer lives etc..
- Frost (https://f-droid.org/pt_BR/packages/com.pitchedapps.frost/): acesse o Facebook com mais privacidade. Só não faz coisas mais complexas como publicar vídeos, fazer lives etc.
- SlimSocial (https://f-droid.org/pt_BR/packages/it.rignanese.leo.slimtwitter/): acesse o Twitter com mais privacidade. Só não faz coisas mais complexas como publicar vídeos, fazer lives etc.



Se você for uma influenciadora, para avançar ainda mais nessa pauta, você pode buscar conhecer e informar suas seguidoras sobre redes sociais federadas, como:

- Mastodon (<https://mastodon.online>): alternativa ao Twitter.
- Write (<https://write.as>): para quem gosta de escrever “textões” em sites como Medium.
- Pixelfed (<https://pixelfed.org/>): para quem trabalha como imagem, é uma alternativa ao Instagram sem anúncios nem criação de “perfis virtuais”,
- Peertube (https://joinpeertube.org/pt_BR/): ideal para quem publica vídeos sobre temas que o Youtube considera “polêmicos”.
- Manyverse (<https://www.manyver.se/>): bem experimental, é a única rede social que funciona sem intermediários. Cada computador ou celular guarda seus próprios dados, e transmite-os somente para as amigas conectadas.

Se seguir este caminho, não espere por alcance, mais likes ou visibilidade. São redes pequenas. Em compensação, o que perdem em alcance ganham em privacidade e tranquilidade.

BIBLIOGRAFIA

- Guia de proteção coletiva (2020) Protection International.
- Guia do direito a defender direitos, ferramentas práticas de leitura da Resolução 53/144 da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 9 de dezembro de 1998.
- Resolução 53/144 Nações Unidas sobre o direito a defender os direitos humanos.
- Leituras várias sobre Feminismo Negro, interseccionalidade, entre elas uma aproximação as abordagens da escritora Karla Akotirene.
- Guia Cuidando-nos Protection International Mesoamerica (2020).
- Material Fotográfico free copyright de (<https://fotospublicas.com>), (<https://nappy.co>)